

cotidiano

MORTES

coluna.obituuario@grupofolha.com.br

Recomeçou a vida no Brasil como um artista do ouro

ROMANO MONTI (1937-2018)

Paulo Gomes

SÃO PAULO O nome já entrega a origem italiana. Romano porém não é de Roma, mas de Bolonha, mais ao norte da Itália. Graças à alta patente do pai no Exército italiano, sua família tinha uma vida confortável.

Os tempos, porém, não eram de paz. A Segunda Guerra acabou por ser um divisor de águas e, já adolescente, teve de cruzar o oceano com a mãe e o irmão para fugir da caçada às bruxas do pós-guerra. Recomeçariam a vida no centro de São Paulo, em condições precárias. Moravam em uma pensão onde não havia nem fogão. Para ter luz à noite, por exemplo, tinham de usar uma lâmparina a querosene.

Romano talhou seu crescimento em ouro: começou a trabalhar como aprendiz de ourives no então reduzido de joalherias da capital paulista, as cercanias da praça da República. Seria seu ofício por toda a vida. Por décadas cultivou clientela fiel, que confiavam a ele a feitura de suas jóias — diziam que ele era um artista.

No último meio século, manteve profunda amizade e sociedade comercial com outro imigrante, o grego Apóstolos Apostolopoulos, com quem abriu negócio na área.

Romano deixou o centro quando se casou com Iza, também de ascendência italiana e foi para o bairro dela, a tradicional Mooca. Lá, passou a frequentar o clube Juventus, um dos times do coração ao lado do Palmeiras — e do Bologna, claro. Sempre que possível, ia com o neto aos jogos no Allianz Parque.

No clube da Mooca, ocupou a função de conselheiro e jogou torneios de futebol até os 70 anos. Foi atacante enquanto o corpo permitiu, e deixou os gramados como goleiro. Os jogos de tranca com os amigos do clube eram outro prazer.

Morreu no dia 22, aos 80, por complicações pulmonares. Deixa a mulher, Iza, os filhos Rosângela, Mauro e Marcello, e os netos Natália e Ítalo.

GIOVANNA ROCCAFORTE SCADUTO Aos 91, viúva de Antonio Scaduto. Deixa os filhos Giacomo, Giuseppina e Vicente. Cemitério Municipal de Jaboticabal, av. da Saudade, s/n, X, Jaboticabal (SP).

MILTON JOSÉ ARTONI (PAVÃO) Aos 78, casado. Deixa os filhos Marcelo, Maurício e Ana Lucia. Cemitério Municipal de Jaboticabal.

JOSÉ ROBERTO JORGETO Aos 69, casado. Cemitério Municipal de Jaboticabal.

RUTH YVONNE LIPPMANN Aos 85, casada com Stefan Lippmann. Deixa o filho Ernesto, e neto. Cemitério Israelita do Butantã, Eng. Heitor Antonio Elias Garcia, 5.530, Butantã.

2º ANO

LYDIA MARIA PALMIRA LOMONACO BIANCO Nesta quinta (2/8) às 18h, Igreja Nossa Senhora da Esperança, av. dos Eucaliptos, 556, Moema.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156, prefeitura.sp.gov.br/serviciofunerario. Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 8h às 20h. Sáb. e dom.: 10h às 17h. Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes. Até às 15h (até às 19h de sexta para publicação aos domingos). Envie um número de telefone para checagem das informações.

ilustrada

Morre Antonio Dias, um mestre da arte visceral, erótica e política

Vasta obra do artista que despontou com pinturas críticas à ditadura foi retrato da turbulência dos anos 1960

ANÁLISE

Sérgio Bruno Martins

Crítico, historiador da arte e professor do departamento de história da PUC-Rio

Antonio Dias, que morreu depois de perder uma batalha de mais de sete anos com o câncer nesta quinta-feira, aos 74, no Rio de Janeiro, não merece só um, mas pelo menos dois capítulos na história da arte.

O primeiro deles seria dedicado a seu protagonismo na vanguarda da década de 1960, ao lado de outros pintores, como Rubens Gerchman, Carlos Vergara e Roberto Magalhães.

Em suas obras mais conhecidas dessa época, quando ele acabava de trocar sua Paraíba natal pelo Rio, Dias mesclava imagens viscerais de violência e erotismo, por vezes remissivas do registro gráfico das histórias em quadrinhos, com elementos moles e abjetos, que, feito pedaços de carne ou genitais disformes, transbordavam do quadro e invadiam o espaço antes reservado à distância mais contemplativa do espectador.

Ao contrário do que muitos críticos chegaram a pensar, era uma pintura que rejeitava a crescente voga da arte pop e que se opunha, sobretudo, à ideia de uma realidade formada pela paisagem das imagens comerciais e midiáticas.

Em meio a um ferrenho debate crítico sobre a volta do realismo, a pintura de Dias foi saudada por Hélio Oiticica, entre outros, por sua capacidade de aliar a reflexão sobre a própria natureza do objeto de arte, cara a uma vanguarda de ainda sem uma autoconsciência histórica mais madura, à urgência da lida com questões políticas de seu tempo.

O segundo capítulo de sua história se dedicaria, por outro lado, à singularidade de um artista que, capaz de se desapegar do estilo que o consagrara já aos 20 e poucos anos, transcendeu esse mesmo marco histórico e se lança a uma trajetória surpreendente tanto por suas guinadas quanto por rigor com o qual cada novo problema era elaborado.

Quando se mudou para Milão, em 1968, Dias se aproximou de alguns dos expoentes

da chamada arte povera e do emergente conceitualismo europeu. Seus trabalhos logo registram a mudança — no lugar da profusão visceral de imagens, ganha corpo uma obra austera, quase toda em preto e branco, legendaria por poucas palavras ou frases que, em vez de explicar ou explicitar, intensificavam seu caráter enigmático.

Como escreveu certa vez o crítico Paulo Sérgio Duarte, o embate com sua obra requer “um certo estabismo: um olho no que está exposto, outro no problema formulado”.

É nessa clave que, na fundamental série “The Illustration of Art”, Dias se lança numa sofisticada e irônica reflexão sobre o circuito da arte, paralela não apenas ao que fazia naquele momento a arte conceitual, mas também ao ganho de reflexão proporcionado, no Brasil, por uma jovem geração de críticos e artistas reunidos, por exemplo, em tor no da revista Malasartes.

Duarte, um dos críticos que também ganhou projeção naquela época, identificou nessa mesma série um ponto de inflexão na trajetória plástica de um artista que desde sempre construiu uma obra atravessada por questões “políticas e sexuais muito corajosas”.

“É como se não houvesse fronteiras entre a dimensão maior do que o mundo estava vivendo e aquilo que o sujeito está vivendo na intimidade”, afirma o crítico. “É nesse trânsito que ele coloca a violência simbólica do mundo real”.

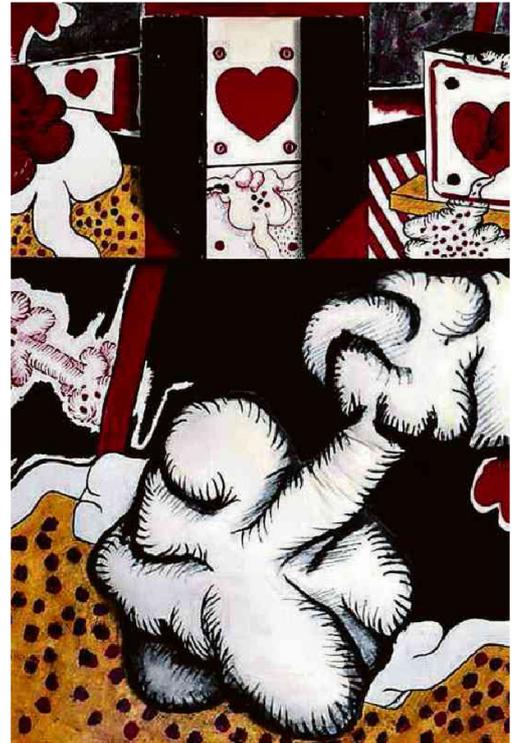
A simples excisão de uma sexta parte da tela, por exemplo, virava o estopim de uma série de variações que levam sempre, como na economia, à falta ou ao excesso, jamais resultando em soma zero.

Do Super-8 ao disco, da instalação ao livro de artista, seus suportes também se multiplicam. Dias chega a passar meses numa aldeia remota do Nepal fabricando o papel artesanal que utilizaria em seu livro “Trama” e também em boa parte da produção que realizaria dali para a frente.

Mas foi a pintura que seguiu dando as cartas. Na Milão da virada dos anos 1960 para os 1970, a insistência na pintura



Beto Felício - 11.set.98/Divulgação



No alto, o artista Antonio Dias em retrato ao lado da obra 'Poéticas da Cor', em 2011; acima, trabalho da mostra 'Anywhere Is My Land'

correspondia também à recusa de um certo positivismo, ou talvez um determinismo tecnológico, por parte de muitos artistas conceituais, que consideravam o meio superado.

Na contramão desse pensamento, mas sem abrir mão do exame da relação entre imagem e linguagem que lhe era caro, Dias reafirma o desejo de trabalhar com o “corpo da pintura”, o mesmo que, mais tarde, vai se constituir por meio da materialidade do óxido de ferro, do ouro e da malauquita.

O quadro preto de “Sun Photo as Self-Portrait” pode ser lido, por exemplo, como a figuração pictórica de uma fotografia superexposta — ou seja, a pintura registrando como sentido, ainda que irônico, o que, numa imagem fotográ-

fica, seria perda de sentido.

Em meio a esse jogo de gato e rato, o artista que se firmou como um dos maiores nomes da arte do século 20 se mostrou sempre aberto e generoso, falando de seu trabalho quando faziam perguntas, mas sem jamais pretender controlar seu sentido. Fossem faladas ou grafadas em suas pinturas, suas palavras sempre souberam se esquivar da armadilha do sentido fácil.

Dias se tratava de um câncer de pulmão havia sete anos e, no ano passado, passou por uma cirurgia para remover um tumor no cérebro, não resistindo agora a complicações da doença. Seu corpo será veado nesta quinta-feira, no Memorial do Carmo, no Rio. Ele deixa a mulher e duas filhas.

Aos 92 anos, morre a artista plástica Eleonore Koch

Isabella Menon

SÃO PAULO A artista plástica Eleonore Koch morreu aos 92 anos na manhã desta quinta-feira, depois de sofrer uma parada cardiorrespiratória. Ela estava internada desde a semana passada em São Paulo. Koch foi uma discípula do artista Alfredo Volpi, na década de 1950. Com ele, aprendeu a técnica da têmpera.

Longe do circuito artístico durante anos, o trabalho dessa alemã radicada no Brasil voltou a figurar diante dos olhos do público depois da publicação do livro “Lore Koch”, sobre a carreira da artista. A obra lançada há cinco anos visava suprimir uma lacuna da história da arte brasileira.

Neste ano, a mostra “Mínimo Múltiplo Comum”, agora em cartaz na Pina Estação, reúne uma série de obras dela. José Augusto Ribeiro, que

organiza a exposição, diz que Koch construiu ao longo da vida uma pintura singular, marcada pela representação de objetos que “parecem flutuar nos quadros”. “Ela costumava deixar a pincelada aparente em suas telas, uma herança que ela carregou de Volpi”, acrescenta o curador.

Nos anos 1970, ela se mudou para o Reino Unido e passou a pintar paisagens. Lá, conheceu o trabalho do britânico David Hockney, um dos maiores nomes da pintura daquele país, célebre pelo tratamento pop que deu a representações do corpo e de paisagens.

“Algo de Hockney foi incorporado ao trabalho dela, pois as pinturas passaram a se assemelhar às colagens”, diz Ribeiro, lembrando uma das técnicas favoritas do britânico.

Eleonore Koch deixa uma sobrinha. O velório será em São Paulo, nesta quinta, às 11h.



Obra de Eleonore Koch de 1982 exposta na Pina Estação Fotos Divulgação

POP & ARTE

BLOG DO DODÔ AZEVEDO

O País Inventado de Antônio Dias

Por Dodô Azevedo

01/08/2018 17h55 · Atualizado há menos de 1 minuto



 'The hardest way', de Antonio Dias (Foto: Dodô Azevedo/G1)

início do século XXI, Lapa. Quarta-feira à noite. Antônio Dias está na calçada, com amigos, feliz de estar no Brasil - sua agenda há muito não reserva tempo para estar em seu país. É um dos mais influentes artistas plásticos do mundo.

Ao seu encontro vem Jorge Mautner, amigo que não vê há tempos.

Ligo minha câmera e começo a filmar o encontro.

Mautner desanda a falar, a apresentar Antônio para a câmera. Começa a louvá-lo como descrevesse um orixá.

Antônio não é de falar muito. A velocidade de seu pensamento, irei perceber com a convivência nos anos seguintes, é rápido demais para o discurso oral, para palavras em geral.

Só imagens podem dar conta do que Antônio Dias pensa.

Imagens que são cenas, cenas que são metáforas, metáforas em gravuras, que são figuras, e signos: o mundo ilustrado.

Sua série "Illustration of Art" é, provavelmente, a mais influente composição brasileira para a filosofia da linguagem.

"Anywhere is my land", outra obra fundamental, assim, em inglês, é Antônio dizendo algo sobre o mundo para o mundo.

Fomos todos, brasileiros, estudados e definidos por acadêmicos e críticos estrangeiros. Nunca tivemos nós a

chance de dizermos o que achamos do mundo.

Antônio não esperou a chance. A fez. Subiu as montanhas do Nepal para aprender a fazer papel, instalou ateliês na Itália e na Alemanha e de lá, como brasileiro, fez o diagnóstico do mundo.

Provou que o que temos, brasileiros, a dizer à respeito do mundo, é precioso e, se levado em consideração, a cura dele, mundo.

O livro "O país inventado", um dos tantos sobre Antônio e sua obra, é obrigação mínima para quem quiser entender o Brasil para além das palavras.

O que basicamente Antônio Dias dizia é que o mundo havia de ter que ser criado solto, livre para ser sublime, livre para ser terrível. Suas obras pensavam o homem, o masculino, e o vício inerente em interpor fronteiras e limites a tudo.

Às botinas e cassetetes militares da ditadura que fazia explodir em cartoon, pênis de vidro com purpurina colorida dentro pendurados - "Todas as cores do homem", nome da instalação reveladora.

E concluía, "The Hardest Way", as palavras GOD (deus) e DOG (cão). O espaço que a humanidade ocupa entre Deus e o Cão. O cão como o reverso de Deus, a gente sendo

puxado para um lado e pro outro. Hora agindo como deuses, hora como cães.

Antônio exibia a trágica beleza deste sanhaço.

Deste caminho pelo qual resolvemos existir.

Para todos.

Fez com Rogério Duarte a capa do disco de 1968 de Gilberto Gil, cedeu o "Coração para Amassar" para a capa do disco de minha banda, a Pessoas do Século Passado.

Seu GOD/DOG está em cena durante longos 14 minutos de "Memória Tangerina", meu primeiro longa-metragem, e é até, hoje, sua cena mais impressionante.

O filme ressignifica-se todo com a presença de Antônio.

Porque ele mesmo ressignificava tudo o que não nos permitimos ressignificar. Vísceras que às crianças dão desejo de tocar; um coração gigante com marcas de que foi amassado, chamado "Coração para amassar".

A diferença entre existir e não existir, para Antônio Dias, era a diferença do que nos permitimos e do que não nos permitimos.

Antônio Dias, sempre rigorosíssimo com seu trabalho, na

verdade com cada raciocínio seu, esse rigor que acha graça de elogios, agora tudo pode.

Ficamos aqui com o coração amassado.

Mas certos que agora, a Antônio Dias, tudo lhe é permitido.

FOLHA DE S.PAULO



Morre artista plástico paraibano Antonio Dias aos 74 anos

Artista tratava de câncer do pulmão há sete anos e foi diagnosticado em junho de 2017 com um tumor na cabeça

1º.ago.2018 às 16h34

Morreu, nesta quarta-feira (1º), o artista plástico paraibano Antonio Dias, aos 74 anos. Ele estava internado desde domingo na Clínica São Vicente, Zona Sul do Rio de Janeiro.



O artista plástico Antonio Dias em 2011 - Evelson de Freitas/Folhapress

O artista tratava de câncer do pulmão há sete anos e foi diagnosticado em junho de 2017 com um tumor na cabeça.

Nascido em Campina Grande, cidade da Paraíba, Dias radicou-se no Rio de Janeiro no final dos anos 1950. Na época, ele frequentou aulas de Oswaldo Goeldi no ateliê de gravura da Escola Nacional de Belas Arte e passou a trabalhar como desenhista de arquitetura e artista gráfico, colaborando para publicações como a revista Senhor.

Nara Roesler, sua galerista há nove anos, disse em depoimento à Folha que trabalhar com Dias permitia a o aprendizado e troca de experiências a todo momento. "Todos os artistas que são seguros, são cooperativos", afirmou Roesler. "Ele sabia da importância de seu trabalho".

Dias deixa a esposa Paola e duas filhas. O velório será no Memorial do Carmo na Capela 7, na quarta-feira (2), das 14h às 16h.

ENDEREÇO DA PÁGINA

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/08/morre-artista-plastico-paraibano-antonio-dias-aos-74-anos.shtml>

ARTES VISUAIS

ARTES VISUAIS

Artista plástico Antonio Dias morre aos 74 anos, no Rio

Ele foi vítima de complicações de um tumor no cérebro



O artista plástico Antonio Dias - Camilla Maia / Agência O Globo

POR O GLOBO

01/08/2018 15:32 / atualizado 01/08/2018 17:35

RIO - O artista plástico Antonio Dias morreu no início da tarde desta quarta-feira, na Clínica São Vicente, Zona Sul, por complicações de um tumor no cérebro. Ele estava internado desde domingo e tinha 74 anos. O velório acontece nesta quinta-feira, a partir das 14h, na Capela 7 do Memorial

do Carmo. O corpo será cremado.

Há sete anos, ele havia sido diagnosticado com um tumor no pulmão. Em junho do ano passado, foi detectado um outro câncer, na cabeça. Ele chegou a ser submetido a uma cirurgia em julho, em Milão.

Nascido em Campina Grande (PB), em 1944, Antonio Manuel Lima Dias aprendeu com o avô as técnicas elementares do desenho. Vivendo no Rio de Janeiro, onde trabalhou como desenhista de arquitetura e gráfico no fim da década de 1950, estudou com Oswaldo Goeldi (1895-1961) no Atelier Livre de Gravura da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA).

AS OBRAS DE ANTONIO DIAS



Reprodução fotográfica de 'No meu jardim', de 1967. Técnica usada: acrílico, vinil sobre tela, borracha, laminado plástico sobre madeira, grama sintética Foto: Reprodução

1 de 8

Em 1965, Dias recebeu uma bolsa para estudar em Paris, onde permaneceu até 1968. Depois, viveu em outras cidades no exterior, como Milão, Nova York e Berlim. Em 1977, em uma viagem para a Índia e o Nepal, estudou técnicas de produção de papel, posteriormente utilizadas em séries que usam como suporte o papel

artesanal. Em 1992, tornou-se professor da Sommerakademie für bildende Kunst, em Salzburg (Áustria) e, no ano seguinte, da Staatliche Akademie der bildenden Künste, em Karlsruhe (Alemanha).

Além de participações na 39ª Bienal de Veneza (1978) e na 16ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo (1981), Dias teve individuais em países como França, Holanda, Alemanha, Itália, Bélgica, Suíça, Argentina, Áustria e Taiwan.

Para o curador, professor e historiador da arte Paulo Sergio Duarte, "perdemos um dos grandes artistas de nosso tempo":

— Desde muito cedo sua obra contribuiu para uma compreensão diferente da 'Nova Figuração' pela corajosa aliança entre tema e forma: uma violência simbólica inédita surgia desde 1964. A pintura saltava literalmente da parede e se projetava no espaço em volumes que sugeriam cascatas de sangue e eram associadas a cogumelos atômicos e genitálias masculinas e femininas, sempre de forma ambígua com imensa força poética, um pênis parecia também a cabeça de uma ave de rapina. — diz Paulo. — Em 1973, na revista "Art Press no. 6", publiquei minha primeira crítica sobre meu grande amigo. Desde então, não cessou essa colaboração mútua, onde recebi muito mais do que fui capaz de dar.

A poeta artista visual e Lenora de Barros lembra que conheceu o artista paraibano quando morou em Milão, no começo dos anos 1990.

— Estamos todos muito tristes. Era um artista incrível, uma pessoa muito especial, um mestre. Além de ser sempre muito generoso, uma pessoa muito divertida e muito elegante. Meu pai (*o artista plástico Geraldo de Barros*) também gostava muito dele, tiveram um encontro muito bonito. O Antonio fez parte da minha formação, cheguei a fazer uma exposição em Milão na qual ele me ajudou muito. Foi um grande interlocutor, vai fazer muita falta, vou sentir muito.

Valorizado no mercado nacional e internacional, Antonio Dias sempre prezou a [independência em sua obra](#). "A lei do mercado

diz: 'Fez verde e vendeu? Faça mais verde'. Para mim, uma vez que fiz verde, acaba o verde. É engraçado, mas acabei sendo um contraponto do mercado. Se estão querendo isso, eu faço aquilo. É uma maneira de manter as rédeas comigo. Ora, eu sou artista para ser independente", declarou o [artista em uma entrevista ao GLOBO, em 2013](#).

Antonio Dias deixa duas filhas: Nina Dias, do casamento com a crítica Ligia Canongia, e Rara Dias, do casamento com a artista Iole de Freitas.

— O mundo perdeu um grande artista, Rara e Nina, um pai carinhoso, os amigos, um verdadeiro companheiro. Viva Antonio Dias — conclui Paulo Sergio Duarte.

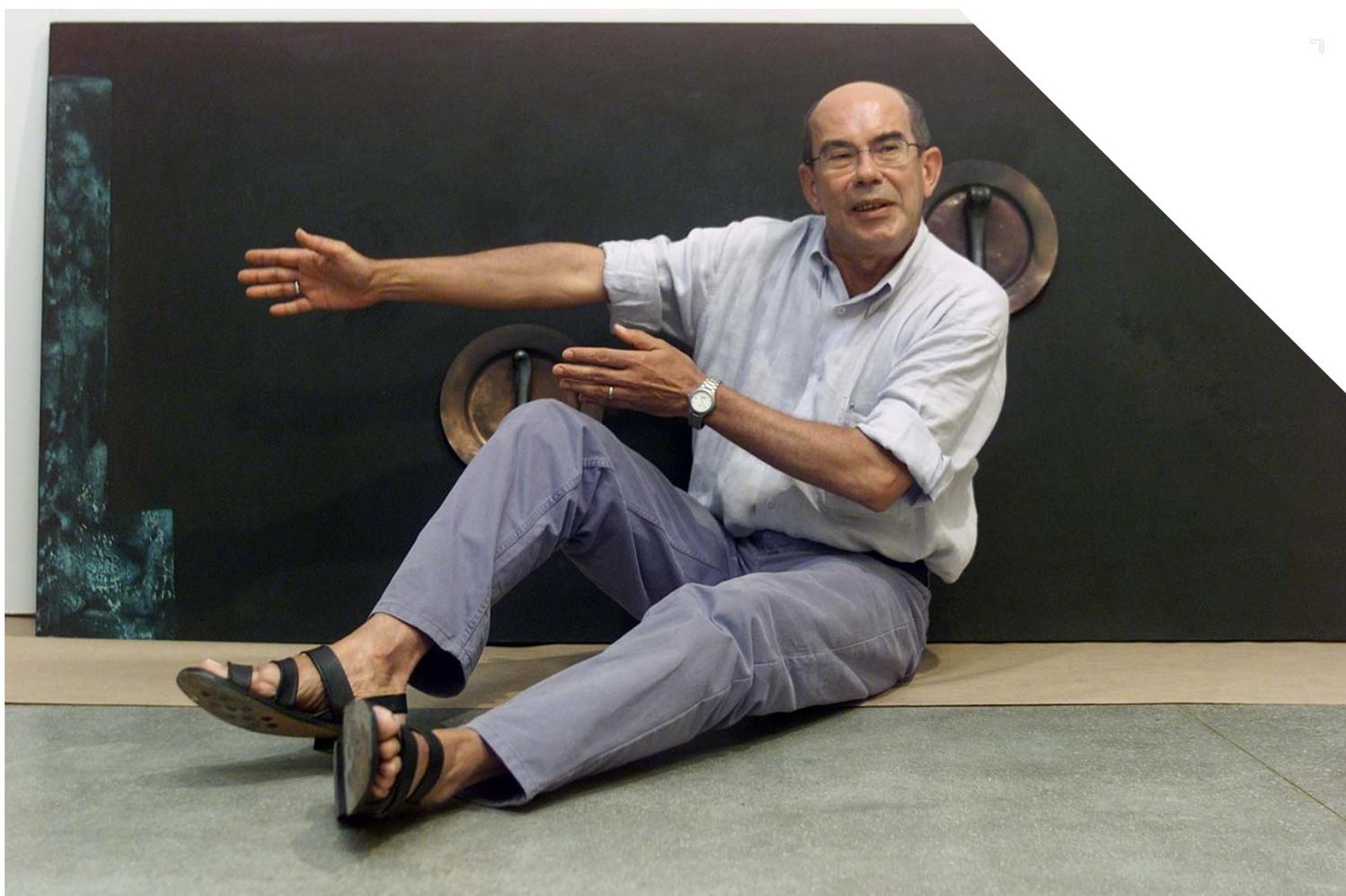
RIO DE JANEIRO

Antonio Dias, artista plástico, morre no Rio aos 74 anos

Artista paraibano fazia tratamento contra câncer e seus trabalhos tinham como suporte o papel artesanal.

Por G1 Rio

01/08/2018 15h37 · Atualizado há 30 minutos



Antonio Dias no MAM-Ibirapuera, em São Paulo, em janeiro de 2001 (Foto: Evelson De Freitas/Folhapress/Arquivo)

○ artista plástico Antonio Dias morreu na tarde desta quarta-feira (1º) no Rio, aos 74 anos. Ele nasceu em 1944 e fazia tratamento contra um câncer. Dias

morava em Copacabana, na Zona Sul do Rio.

O paraibano, nascido em Campina Grande, se mudou para o Rio aos 14 anos. Em 1965, ele foi para a Europa com uma bolsa de estudos de pintura que recebera na Bienal francesa. Aos 21 anos, ganhou o prêmio da Bienal de Paris.

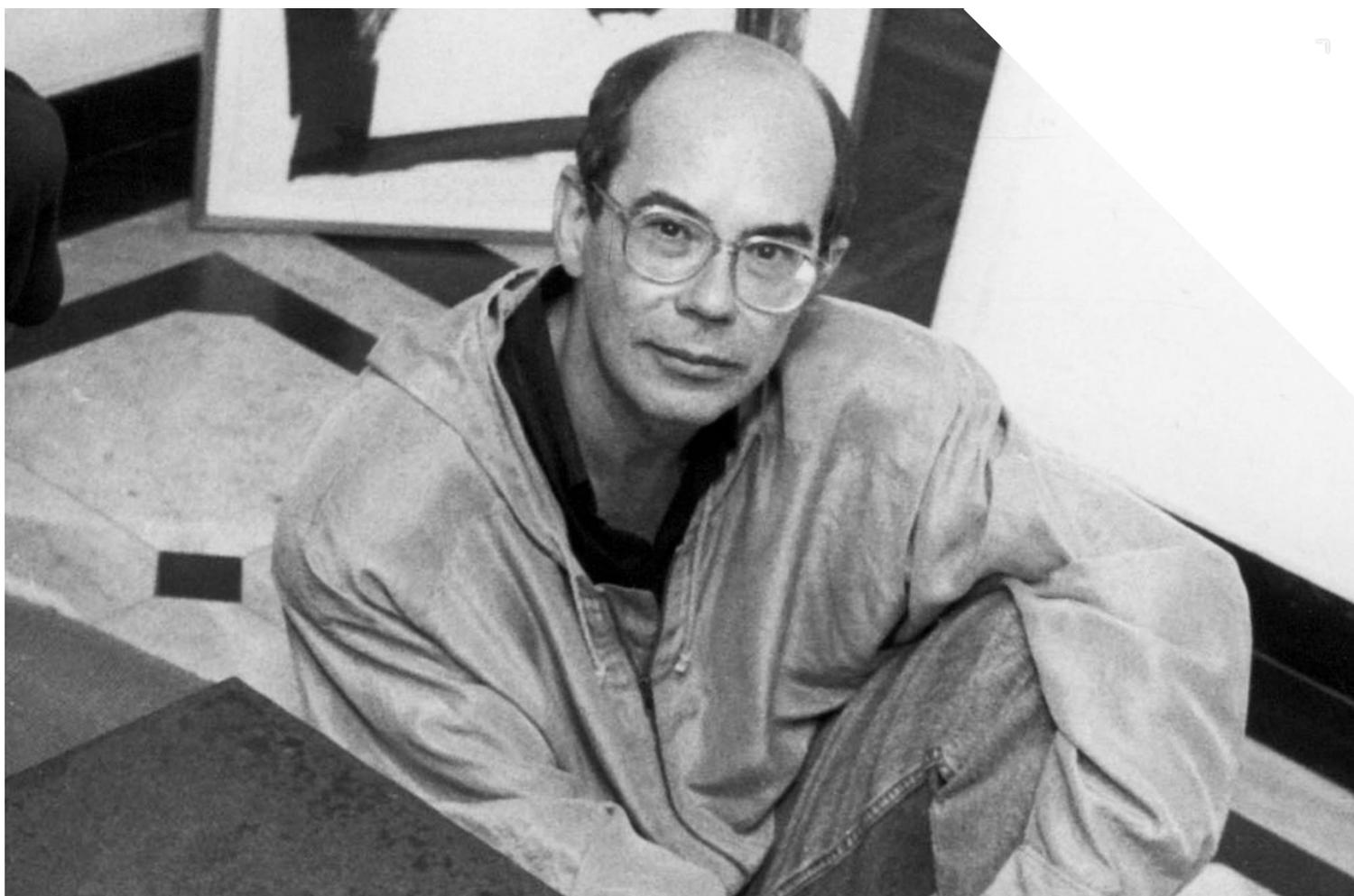
Antonio Manuel Lima Dias aprendeu com o avô as técnicas de desenho. No final da década de 1950, no Rio, trabalhou como desenhista de arquitetura e gráfico. Também estudou com Oswaldo Goeldi (1895-1961) no Atelier Livre de Gravura da Escola Nacional de Belas Artes.

 Morre, no Rio, o artista plástico Antonio Dias

Na década de 1960, incorporou palavras ou frases as suas obras. Em 1965, recebeu bolsa do governo francês e residiu até 1968 em Paris. Depois, Antonio seguiu rumo a Milão.

Em 1972, ele recebeu bolsa da Simon Guggenheim Foundation para trabalhar em Nova York. Cinco anos depois, o artista viajou para a Índia e o Nepal, onde estudou técnicas de produção de papel.

Os trabalhos do artista tinham como suporte o papel artesanal. Em 1992, Antonio Dias se tornou professor da Sommerakademie für bildende Kunst, em Salzburgo, na Áustria. No ano seguinte, deu aula na Staatliche Akademie der bildenden Künste, em Karlsruhe, Alemanha.



📍 O artista plástico Antonio Dias posa ao lado de obras em São Paulo, em foto de agosto de 1991 (Foto: Tatiana Constant/Estadão Conteúdo/Arquivo)
